

Fronteira entre a criatividade e a padronização, dos 7 aos 14 anos

Trabalho realizado e apresentado no XXIV Congresso Nacional da AJB pelo Departamento de Psicologia Infantil da AJB:

Ana Carolina Falcone Garcia – Membro Analista do Instituto Junguiano de Campinas;

Lya Bueno da Rocha e Silva – Candidata a Analista do Instituto Junguiano de Campinas;

Silvio Lopes Peres – Candidato a Analista do Instituto Junguiano de Campinas;

Renata Whitaker Horschutz – Membro Didata do Instituto Junguiano de São Paulo e Coordenadora do Departamento de Psicologia Infantil da AJB.
Email: rewh@uol.com.br

A infância não foi sempre uma fase determinada e caracterizada como a conhecemos hoje. Segundo Ariès (1981), o reconhecimento da infância é recente, se comparado com a existência da sociedade, sendo no período medieval igualmente não compreendida ou considerada. Ariès define essa problemática como a ausência de

“Consciência da particularidade infantil que distingue essencialmente a criança do adulto [...] Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.” (ARIÈS, 1981, p. 156).

O final da infância era compreendido como este momento em que a criança conseguia atingir o mínimo de independência da mãe (ou de quem dela cuidava). O fato de que somente entre os séculos XVI e XVII a criança passa a ser retratada nas artes com vestimentas diferentes dos adultos corrobora a dificuldade de compreendê-la em seu universo e características específicas.

A história da família também se constrói neste período. Em cada tempo da história social o conceito de família foi sendo transformado, até se aproximar da compreensão atual. Sendo assim, o surgimento do conceito de infância também está associado ao desenvolvimento do conceito de família, como nos aponta Ariès:

Na Idade Média, [...] por muito tempo as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio - ou seja, aproximadamente, aos setes anos de idade. (ARIÈS, 1981, p.275)

Até este momento, não havia uma compreensão clara da infância, ou da criança, nem de sua concepção educativa: ela aprenderia seguindo o modelo dos mais velhos, independentemente da idade que tivesse e em quem estivesse se espelhando.

Com o conceito de infância surge também a necessidade de educação. Nesse momento, a sociedade está se estruturando, ao deixar os moldes feudais: há um novo modelo na busca e construção da intimidade e do espaço privado. Surge a escola que, em conjunto com a família, procura retirar a criança da sociedade adulta. No processo de construção da intimidade na sociedade moderna, a família também buscou a privacidade, e a educação da criança encontrou um novo modelo de relação. (ARIES, 1981).

Nos séculos XX e XXI, a infância teve lugar definido e a educação infantil passou a receber atenção diferenciada também pela ciência da Psicologia.

Podemos compreender, assim, que a infância foi se estruturando, enquanto fase diferenciada da vida, praticamente no final do século XIX, sendo atingido no século XX o conceito de infância e a preocupação com a educação, cuidados e desenvolvimento psicológico da criança, que ora conhecemos.

O desenvolvimento infantil, nos dias de hoje, é compreendido por etapas marcantes, que vão da gestação até a idade adulta, e que irão marcar de maneira importante a vida do indivíduo.

Adotamos como referencial teórico para a compreensão da infância e da adolescência os pressupostos do desenvolvimento da Antroposofia, que se estabelece por setênios, uma vez que entendemos que a visão de Rudolf Steiner muito se assemelha à compreensão da Psicologia Analítica.

Optamos por tratar neste trabalho do período compreendido entre os 7 e os 14 anos, sendo que aos 7anos é vivida a transição entre a infância e a pré-puberdade, e aos 14 a entrada na puberdade.

Existem padrões de desenvolvimento que são observados e esperados para estas fases e este setênio, uma vez que nele ocorre a travessia de duas fronteiras: uma, entre a infância e a pré-adolescência, e a outra entre esta última e a puberdade. Por este motivo, este setênio é tão importante e marcante no desenvolvimento físico e emocional do indivíduo, pois se a base não for construída e sedimentada, surgirão inúmeros conflitos nesta etapa, cujas consequências se estenderão de forma marcante, não apenas na adolescência, mas igualmente ao longo da vida adulta.

Abaixo encontram-se expostas as bases que precisam ser estruturadas até os sete anos:

0-2 anos: Percepção sensorial, quando a criança atinge a postura ereta, aprende a andar e a falar. Ela está completamente aberta ao seu mundo ambiente, absorvendo-o e incorporando-o pela imitação.

Após os 2 anos: a criança desenvolve o pensar, integrando conteúdos da sua percepção de mundo.

Após os 4 anos: período em que a criança entra em contato com o sentir e desenvolve a fantasia criativa. O mundo ainda é visto a partir das suas fantasias.

Após os 5 anos e meio: há um desenvolvimento da vontade, do querer com objetividade. O corpo vai assumindo a forma de criança em idade escolar, e não mais de bebê, ou criança pequena.

Ao atravessar a fronteira dos 6 anos para os 7 anos, a criança sai do mundo concreto e se insere no mundo abstrato. Porém, tal passagem deve acontecer de maneira suave, respeitando a ludicidade e o ritmo individual.

Aos 7 anos a criança entra na fase escolar, suas pernas crescem, tornando-a mais ágil, seu rosto modifica-se, a mandíbula cresce, fazendo com que os lábios inferior e superior se juntem. A boca, antes desta etapa, mantinha-se aberta, e o lábio superior com uma pequena projeção, o que denota a disposição da criança para o riso e o choro fácil.

As órbitas dos olhos, que antes eram abertas e demonstravam o olhar franco e confiante da criança para com o mundo, aos 7 anos diminuem em proporção, dirigindo o olhar repleto de expectativa para o mundo.

Nesta etapa surge uma fronteira entre o mundo interior e exterior da criança, que imporá limites a quem desejar penetrá-lo.

Este mundo interno, à semelhança de uma circunferência, torna-se o seu campo de ação, de domínio, o espaço do qual ela se sente dona. Baseada neste universo interno por si criado, a criança reconhece o mundo externo, suportando os conflitos e desafios que acontecem nele. Nesta etapa, não há somente o desejo de assimilar o mundo externo através da sua percepção. A criança está mais voltada para o seu mundo interno, suas próprias imagens, conceitualizando-as, e assim saindo do universo estritamente perceptivo.

Essas imagens conceituais reúnem-se e harmonizam-se para formar um todo, o qual consiste na maneira de pensar, sentir e querer da criança, assim como suas avaliações e percepções captadas do mundo exterior. Toda esta estrutura irá ser aberta e abalada mais tarde, na puberdade, quando este universo se mostrará instável, inseguro e frágil novamente, levando o adolescente a questionar tudo que recebeu do seu ambiente, as suas opiniões, críticas e conceitos, o que será fundamental para o futuro desenvolvimento da personalidade.

O pensar desta fase, **dos 7 anos aos 14 anos**, é semelhante ao devaneio do adulto, sendo que, se bem canalizado, conduzirá a uma vida mais poética, mais rica e criativa, à capacidade de maravilhamento. Porém, quando isto não se concretiza, pode ocorrer dificuldade atencional e falta de criatividade, o que gera desvio de foco e propósito, uma vida trivial, vulgar, sem qualidade, ou até comportamentos perversos, tanto para o próprio indivíduo como para o ambiente.

Se até os sete anos a criança é muito sensorial, e portanto aberta integralmente ao ambiente, após esta etapa ela cultivará o que capta no ambiente em que vive, querendo saber o que a rodeia e que função tem. Adora ouvir histórias, pois transforma-as em imagens conceituais.

Na primeira fase do desenvolvimento a criança aprende a falar pela imitação. No segundo setênio, ela pensa e compreende o mundo através da palavra, o que explica a grande importância dos contos de fadas e fábulas para o seu caminho de vida futuro, pois estas histórias ensinam a imaginação, a criatividade, a discriminação de emoções, os códigos morais, sociais e familiares, bem como saídas para diversos desafios que podem surgir no decorrer da vida.

A seguir exemplificaremos os conceitos expostos até aqui com vivências da infância de Jung, narradas por ele em sua obra “Memórias, Sonhos e Reflexões”.

Em relação às brincadeiras, Jung relata que a partir dos sete anos gostava de brincar com cubos de madeira, com os quais alegremente formava construções, que depois destruía com toda a volúpia.

Nesta fase dos 7 anos, destacou um episódio de pseudo-crupe, com acesso de sufocação. Durante essas crises, Jung costumava visualizar uma imagem, por ele assim descrita: “um círculo azul-brilhante, do tamanho da lua cheia e onde se moviam formas douradas que eu tomava por anjos, pairava sobre mim.” (JUNG, 2016, p. 47). Relatou que essas imagens costumavam tranquilizá-lo durante as crises, mas a intensidade emocional era tão grande que a angústia aparecia também em seus sonhos, de forma a ajudá-lo a

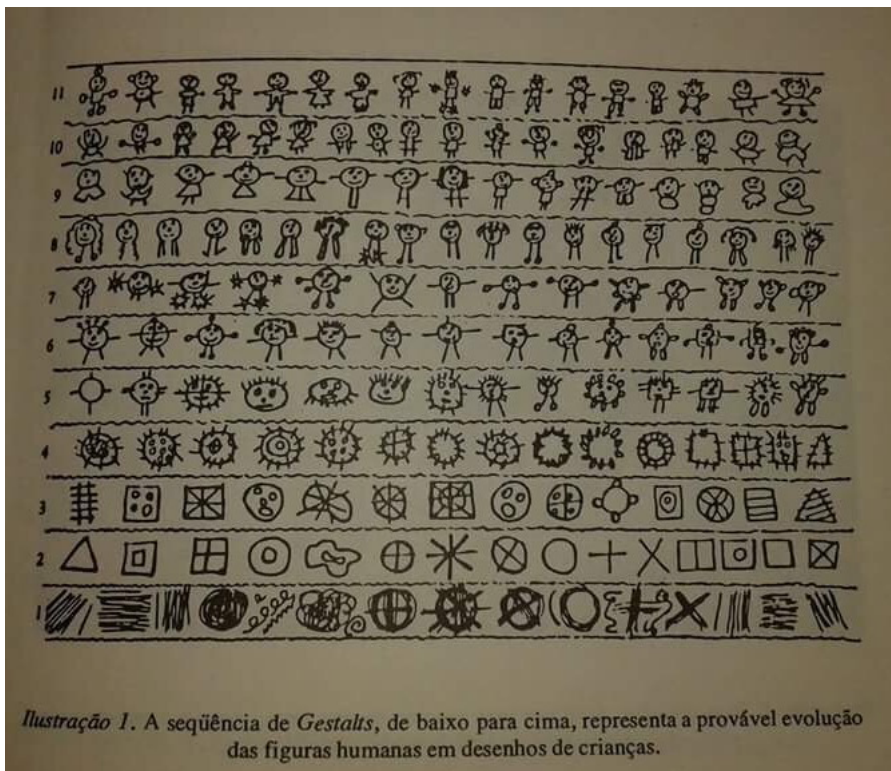
compreender que “a atmosfera começava a tornar-se irrespirável.” Nesta fase da infância, Jung já percebia, ainda sem compreensão cognitiva, que havia uma fronteira psíquica do corpo.

Estas memórias sinalizaram-lhe o quanto era uma criança perceptiva das questões psíquicas. Percebia que, ao estar com outras crianças, tornava-se diferente do que era em sua casa, quando brincava sozinho. Relembrar tais fatos na fase adulta permitiu-lhe dar significado às experiências emocionais da infância. Na velhice, quando escreveu sua biografia, Jung conseguiu dar sentido aos momentos de sua infância, fornecendo “tradução” para as angústias incompreendidas na época.

Este exemplo permite-nos ainda concluir que, quando criança, Jung não conseguia entender a presença de “dois mundos” em si mesmo:

Fui percebendo cada vez mais a beleza do claro mundo diurno em que “a luz dourada do sol brinca através da folhagem verde”. Mas eu me sentia à mercê de um inelutável mundo de sombras cheio de perguntas angustiantes e irrespondíveis. (JUNG, 2016, p. 47).

Dos 7 aos 9 anos, todas estas vivências vão gerando percepções e memórias na criança, porém estas lembranças ainda são determinadas por acontecimentos, o que explica que cada dia se torne uma nova experiência. Sua vontade ainda está totalmente dominada pela fantasia, ela ainda vive no paraíso. Nesta etapa é muito importante que, além de ler e ouvir contos, faça trabalhos manuais, modelagem, desenhe o que aprendeu ouvindo, por meio da psicomotricidade desenvolvendo-se intelectualmente.



Aos 9 anos, as figuras de autoridade, os pais e os professores, deixam de ser tão respeitadas e aceitas incondicionalmente, os contos de fadas passam a ser considerados infantis, e a criança torna-se manhosa e manifesta alguma rebeldia, pois as suas fantasias não podem mais ser projetadas no mundo exterior, forçando-a a ver a realidade tal como é. Nesta etapa ocorre uma profunda transformação emocional. O mundo fica mais limitado por sua corporeidade.

A criança passa a sentir diversos medos, precisando deixar as portas abertas e ouvir os pais de seu quarto, temendo a escuridão.

Nesta etapa ela pode recorrer a muitas evocações mágicas, como bater três vezes na mesa para não acontecer algo de ruim e não pisar em nada que seja da cor marrom, por exemplo. Esta fase pode durar até a puberdade.

Jung ilustra-a claramente em sua biografia, mais uma vez. Tendo sido uma criança muito solitária e muito perceptiva do mundo psíquico, relatou que

dos 7 aos 9 anos gostava de brincar com fogo, o qual considerava sagrado, por tal devendo ser mantido aceso.

Por volta dessa mesma época, Jung recorda-se de que se questionava a respeito da "pedra". Esse fato é interessante de ser destacado porque retornará, 30 anos depois, como uma lembrança inquietante da sua vida.

Às vezes, quando estava só sentava-me nela e então começava um jogo de pensamentos que seguia mais ou menos este curso: "Eu estou sentado nesta pedra. Eu em cima, ela embaixo. Mas a pedra também poderia dizer "eu" e pensar: " Eu estou aqui, neste declive, e ele está sentado em cima de mim". (JUNG, 2016, p. 48)

Neste momento, entendemos que Jung se questionava a respeito das fronteiras que delimitavam um objeto, uma pessoa, o que posteriormente teria dado origem à formulação de sua teoria e do que definiu como ego e inconsciente.

Aos 10 anos há uma crise em que a criança se sente extremamente infeliz. Tudo que ela achava lindo e de que gostava passa pelo crivo severo da crítica, passando a ser considerado feio ou ridículo, fazendo-a experimentar vergonha. Seu senso crítico fica extremamente aguçado, o que gera muitas discussões com os pais e professores. Porém, há momentos em que revive os momentos belos e de fantasia.

Surge pronunciada ambivalência, traduzida pela alternância de momentos em que tudo parece sem graça, seguidos de outros cheios de novidades. A criança volta-se para a natureza, para os animais e as plantas. Nesta etapa é interessante inseri-la no mundo dos mitos e dos heróis, para que ela não se apegue a ídolos, o que poderá gerar futuras desilusões.

Novamente lançando mão da infância de Jung, este ressalta que, no entorno de seus 10 anos, a percepção de suas fragilidades e inseguranças levaram-no a brincar de esculpir um homenzinho, de aproximadamente 6 centímetros, em sua régua de escola. Na época, o significado dessa pequena

escultura não era por ele compreendido. Jung apenas entendia que aquele pequeno objeto era seu grande segredo e que também o ajudava a se manter seguro quando na presença dele: "Sentia-me seguro e a sensação penosa de divisão interna desapareceu." (JUNG, 2016, p.50)

Esta lembrança do homenzinho talhado em madeira foi para Jung o marco de sua infância e também o sinalizador de seu término. Aos 35 anos, escrevendo sobre símbolos da transformação, teve oportunidade de estudar os *cache* de pedras da alma e das *churingas* dos australianos. Compreendeu então que "existem elementos arcaicos na alma que não penetraram na alma individual a partir de uma tradição qualquer. [...] em 1920, na Inglaterra, talhei duas figuras semelhantes num ramo delgado, sem me lembrar de modo algum do acontecimento de minha infância. Mandei reproduzir uma delas em pedra, num tamanho maior. [...] É um desenvolvimento mais amplo daquele objeto quase sexual da minha infância, [...] " Jung denominou-o de sopro de vida, ou seu impulso criador. (JUNG, 2016, p..52)

A idade de 11 anos é considerada emblemática no desenvolvimento da criança, pois marca a aquisição de novos elementos cognitivos, bem como transformações iniciais do desenvolvimento hormonal. Para Jung, esta também foi uma fase de muitos significados, cuja marca foi sua entrada para o ginásio da Basileia, o ingresso em um mundo diferente de sua infância, do convívio com seus companheiros camponeses. Considerou-a a entrada no "grande mundo", o mundo diferente do de sua família; a percepção das diferenças sociais e culturais.

Com essas novas percepções, Jung ganhou também a consciência de suas dificuldades escolares e, com isso, a angústia de fracasso e a sensação da insignificância de sua existência se faziam presentes nesta fase da vida escolar.

Dos 12 aos 14 anos ocorre o período da pré-puberdade, no qual acontece um rompimento da própria personalidade com o mundo exterior, uma transformação da vontade. Nos meninos a agressividade externaliza-se, surgem as brincadeiras corporais de força e as brigas. Gostam de formar times ou grupos com os mais diversos objetivos, tais como fazer cabanas, construir um castelo, lutar contra outros grupos. As estruturas sociais começam a se

formar e vêm através do querer, buscando os semelhantes. Os acampamentos na natureza podem ser muito interessantes nesta etapa do desenvolvimento.

As meninas também buscam formar grupos, porém não na intenção da conquista, mas sim de se excluírem do mundo exterior. Os jogos emocionais são bastante fortes nesta etapa, os risos e conversas são cheios de insinuações e inferências, há muita intolerância com quem pensa ou sente diferente, seus comportamentos apresentam-se cheios de manias.

Neste momento começam, portanto, a manifestar-se diferenças entre o desenvolvimento das meninas e dos meninos.

As meninas amadurecem física e psiquicamente mais cedo. Sentem menos vitalidade nesta etapa, cansam-se mais facilmente, enquanto os meninos explodem em energia, o que aparece em suas atividades corporais e em seus comportamentos plenos de coragem, confiança e atrevimento. Esta vitalidade volta a equilibrar-se na menina, quando esta menstrua.

Voltando a Jung, aos 12 anos, ao receber de um colega de escola um soco que o derrubou, sofreu uma pancada na cabeça, que o deixou bastante atordoado. Este fato o fez acreditar que seus problemas escolares estavam resolvidos, pois não precisaria mais ir à escola. A cada tentativa de retornar às aulas Jung sofria uma síncope. Este fato tornou-se recorrente por muito tempo, até perceber que era preciso retornar à escola e que não adiantava ficar fugindo de si mesmo. Essa recordação de infância marcou profundamente a vida de Jung, bem como sua teoria, pois permitiu-lhe, posteriormente, compreender o que era uma neurose.

Esta breve síntese da infância de Jung permite-nos compreender como as fases iniciais da vida compõem a base de como a pessoa irá se estruturar ao longo dos anos. Seus recursos e suas dificuldades muitas vezes já estão delineados desde a mais tenra infância. Isso nos faz pensar que devemos cuidar para que os recursos criativos presentes nas crianças, principalmente nesta fase, sejam estimulados e acolhidos

Outro autor que escreve sobre a importância da infância para os acontecimentos futuros do ser humano é James Hillman.

Em seu livro “ O código do ser” (1996), aborda a teoria do fruto do carvalho. Segundo o autor, nascemos com uma imagem que nos define. Cada vida é formada por uma vocação que seria a nossa essência, levando a um determinado destino. Hillmann faz uma comparação entre um pequeno carvalho e uma criança: assim como no pequeno carvalho já existe uma semente que irá germinar e crescer, no ser humano há marcas que poderão se desenvolver.

“ Há mais coisas numa vida humana do que permitem nossas teorias a seu respeito. Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa parece nos chamar para um caminho específico. Essa ”coisa” pode ser lembrada como um momento marcante na infância, quando uma urgência inexplicável, um fascínio, uma estranha reviravolta dos acontecimentos que tem a força de uma anunciação: isso é o que devo fazer, isso é o que preciso ter. Isso é o que sou.” (Hillman,1996, p. 13).

Propõe que, para conhecermos esta imagem inata, devemos deixar de lado toda a teoria psicológica que, segundo ele, estaria desgastada. Ela tenta encaixar as pessoas em um destino predestinado, como se fossem encaixados em uma moldura. Pontua a importância de reconhecermos o chamado primordial de nosso destino.

“ Creio que nossa verdadeira biografia foi roubada — esse destino inscrito no fruto do carvalho — e que começamos a fazer terapia para resgatá-la. Porém, essa imagem inata não poderá ser encontrada antes de termos uma teoria psicológica que reconheça a realidade psicológica primordial do chamado do destino. Do contrário, sua identidade continua sendo a de um consumidor sociológico determinado por estatísticas aleatórias, e os anseios ignorados do *daimon* parecem excentricidades, compactadas com ressentimentos amargos e desejos esmagadores. A

repressão, chave da estrutura da personalidade em todas as escolas de terapia, não é do passado, mas do fruto do carvalho e dos erros que cometemos em nossa relação com ele” (Hilman, 1996, p.15).

Hilman convida-nos a entrar na imaginação e a descobrir na patologia da criança o que seu *daimon* pode estar indicando e o que seu destino pode querer.

Traz-nos uma reflexão acerca da influência parental, dizendo que muito do poder que os pais têm sobre nós vem de sua ideia de poder.

Fala da teoria da compensação, a qual explica como muitas crianças magras e franzinas acabam tornando-se adultos fortes e corajosos, citando vários exemplos.

O “*daimon*”, ou anjo, seria um companheiro invisível, não humano, e não a pessoa em quem o gênio vive.

“A alma de cada um de nós recebe um *daimon* único, antes de nascer, que escolhe uma imagem ou um padrão a ser vivido na terra. Esse companheiro da alma, o *daimon*, nos guia aqui. Na chegada, porém, esquecemos tudo o que aconteceu e achamos que chegamos vazios a este mundo. O *daimon* lembra do que está em sua imagem e pertence a seu padrão, e portanto o seu *daimon* é o portador de seu destino.” (Hilman, 1996, p.18).

Ele propõe, assim, que vejamos a criança sob uma nova ótica, usando o termo “extraordinário”, ao invés de “anormal”.

Fala de uma psicologia baseada na imaginação das pessoas. Convida-nos a ver as perturbações infantis não tanto como problemas de desenvolvimento, mas sobretudo como sinais reveladores.

Na visão do autor esta mudança de ótica pode ser redentora, na medida em que se tornará uma preciosa ferramenta para uma transformação positiva.

Hilman convida-nos a entrar nesta imaginação redentora, para que este “destino”, ou “*daimon*”, possa se manifestar.

Podemos compreender, assim, a importância da infância e dos registros e memórias da criança durante este período como fundamentais para a construção de alicerces sólidos para seu desenvolvimento psíquico saudável.

No primeiro setênio dá-se o desenvolvimento da estrutura básica da psique. No segundo setênio, período dos 7 aos 14 anos, o pensar, o sentir e o querer se desenvolvem dentro da personalidade de cada indivíduo, para depois, na adolescência, terceiro setênio, ocorrer o desenvolvimento social da psique, fundamental para que o indivíduo atue no mundo a partir de sua personalidade.

Não é de hoje que os adultos negligenciam sua infância. Tanto em casa quanto na escola a infância é tratada como coisa a ser educada, formatada em padrões rígidos e sem consideração pela energia pulsante da vida.

Segundo Jung:

“Quem educa para a formação da personalidade? Em primeiro lugar, são geralmente pais incompetentes, os quais permanecem a vida inteira meio crianças ou totalmente crianças. Enfim, quem poderia esperar dos pais comuns que fosse de fato “personalidades”, e quem já pensou alguma vez em inventar métodos mediante os quais se pudesse ensinar “personalidade” aos pais? [...] Todo o nosso problema educacional tem orientação falha: vê apenas a criança que deve ser educada, e deixa de considerar a carência de educação do educador adulto. Todo aquele que terminou os estudos acha que sua educação está completa ou, em outras palavras, que já é adulto. É preciso mesmo que se considere desse modo e tenha firme convicção quanto à sua competência, para poder enfrentar a luta pela existência. [...] Seria melhor não aplicar às crianças o elevado ideal de educar para a personalidade. A razão disso é

que geralmente se vê na “personalidade” a totalidade psíquica, dotada de decisão, resistência e força, mas isso é um ideal de uma pessoa adulta, que se pretende atribuir à infância. Tal pretensão apenas pode ocorrer em uma época em que o indivíduo ainda está inconsciente da sua condição de adulto ou – o que é pior – procura conscientemente esquivar-se dele. Eu tenho minhas dúvidas quanto à real sinceridade desse entusiasmo pedagógico e psicológico, tal como se manifesta na época atual: fala-se da criança, mas dever-se-ia falar da criança que existe no adulto. No adulto está oculta uma criança, uma criança eterna, algo ainda em formação e que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação. Esta é a parte da personalidade humana que deveria desenvolver-se até alcançar a totalidade” (O desenvolvimento da personalidade. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 174, 175. Obras Completas: Vol. XVII, §§ 284, 286.

As crianças lembram-nos que não podemos negligenciar nossa criança interior. Ao nos impormos a identificação com a *persona* perdemos a naturalidade, a espontaneidade, sufocando nosso potencial criativo e amadurecendo emparedados por padrões rígidos de comportamentos impostos pela sociedade.

Bibliografia

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

EDINGER, E.F. Ego e arquétipo: uma síntese dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. São Paulo: Cultrix, 1995.

HILMANN, J. O código do ser, Rio de Janeiro: editora Objetiva, 1996

JUNG, C.G. Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

LIEVEGOED, B. Desvendando o crescimento. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2017